

USINA HIDRELÉTRICA BELO MONTE E A DINÂMICA DOS ESPAÇOS DO LAZER EM ALTAMIRA-PA

José Queiroz de Miranda Neto¹
Francivaldo Mendes²
Marcio Douglas Brito³

RESUMO

A partir do processo de instalação da Usina Hidrelétrica “Belo Monte” (UHBM) no rio Xingu percebe-se um conjunto de alterações importantes na cidade de Altamira-PA, localizada a 54km da barragem principal. Muitas dessas alterações repercutem nos espaços de lazer presentes na cidade, como a extinção de áreas historicamente presentes no cotidiano dos sujeitos locais, situadas às margens do rio Xingu e seus afluentes urbanos. Este artigo objetiva entender a dinâmica dos espaços de lazer em Altamira-PA, abrangendo aspectos que mobilizam o público e o privado, o lazer como direto e/ou como a mercadoria. A metodologia baseia-se num estudo de caso de abordagem qualitativa, cujas técnicas articulam-se a observações, registros fotográficos, entrevistas e aspectos da etnografia urbana. Os resultados indicam, por um lado, um reordenamento dos locais de lazer em Altamira-PA por relação direta à UHBM. Por outro lado, nota-se uma constante recriação de espaços de lazer por parte dos sujeitos locais, o que evidencia uma mudança expressiva na produção dessa nova espacialidade de lazer em Altamira-PA.

ABSTRACT

From the installation process of the Belo Monte hydroelectric power plant on the Xingu river, a number of important changes are found in the city of Altamira-PA, located 54km from the main dam. Many of these changes have repercussions in the leisure spaces present in the city, such as the extinction of areas historically present in the daily life of the local people, located on the banks of the Xingu River and its urban tributaries. This article aims to understand the dynamics of leisure spaces in Altamira-PA, covering aspects that mobilize the public and private, leisure as direct and / or as merchandise. The methodology is based on a case study of a qualitative approach, whose techniques are articulated to observations, photographic records, interviews and aspects of urban ethnography. The results indicate, on the one hand, a rearrangement of leisure sites in Altamira-PA by direct relation to the UHBM. On the other hand, there is a constant recreation of leisure spaces by the local subjects, which shows a significant change in the production of this new leisure space in Altamira-PA.

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Altamira-PA tem passado por expressivas transformações em sua configuração espacial. Dentre as causas dessas alterações, destacam-se eventos como a instalação da Usina Hidrelétrica Belo Monte (UHBM) no rio Xingu. Tais mudanças repercutem na extinção de áreas historicamente presentes no cotidiano dos sujeitos locais, especialmente àquelas situadas às margens do rio Xingu.

¹ Doutor em Geografia (FCT/UNESP) e Professor adjunto da Universidade Federal do Pará (UFPA)

² Mestre em Linguagens e saberes na Amazônia (PPLSA/UFPA), Doutorando em Geografia (PPGEO/UFPA).

³ Doutor em Geografia (USP) e Professor adjunto da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Paralelamente, percebe-se uma recriação dos espaços e uma ressignificação dos usos atribuídos a estes pela forma com que os sujeitos interagem com os mesmos.

Sobre o lazer e as transformações no espaço urbano, as análises de Mendes e Moreira (2011) e Mendes (2018) apontam uma concentração de espaços e equipamentos nas áreas centrais de Altamira, características que se opõe à realidade presente nas periferias da cidade. Além disso, fatores como o uso do solo acirram essas assimetrias na medida em que as incorporadoras e a especulação imobiliária modificam a lógica do ordenamento dos espaços e equipamentos de lazer presentes na cidade (MENDES, 2018). O presente artigo busca articular esse conjunto de mudanças ao conceito de produção do espaço presente em Lefebvre (2000), de modo a entender as lógicas que regem essa dinâmica em Altamira-PA.

As mudanças evidenciadas exigem dos sujeitos novas táticas e estratégias para a vivência do lazer, o que nos permite afirmar que tem havido uma constante recriação das práticas do lazer na cidade, com destaque para as práticas auto organizativas (MENDES, 2018). Cabe, portanto, analisar como se processam as relações entre os sujeitos e os espaços de lazer na cidade, considerando em que medida se deu o processo de extinção de antigos espaços, assim como a instituição de novos espaços formais de lazer no advento de Belo Monte.

As reflexões que emergem a partir de tais questões podem trazer contribuições significativas para o campo científico em debate, sobretudo por discutir o lazer a partir de uma cidade no interior da Amazônia, que tem passado por profundas reestruturações ao longo de sua história.

2. A DIMENSÃO DO LAZER E O FENÔMENO URBANO

Na concepção de Mascarenhas (2005), lazer é um fenômeno moderno, fruto de uma reorganização social ocorrida a partir do século XVIII na Europa, processo que determinou a transição de um sistema agrário-rural para um urbano-industrial. Essa mudança de paradigma impactou sobremaneira na forma com que as pessoas passaram a lidar com o tempo de trabalho, com tempo de não trabalho e com o tempo disponível para o lazer. Não havia, antes dessa expressiva modificação no processo produtivo, uma rígida divisão do tempo, ocasião em que as atividades de trabalho, por

vezes, mesclavam-se com aquelas que inspiravam a diversão, resultando então no lazer. Como afirma Thompson (1988) o tempo de trabalho era orientado em função dos ciclos naturais, momento em que a fruição do lazer ocorria paralelo às atividades laborais e vice-versa.

A emergência de uma outra lógica de trabalho baseada na produção em larga escala impôs condições degradantes a quem trabalhava, a exemplo das jornadas de até 16 horas diárias de trabalho, somada a um rígido controle do tempo (OLIVEIRA, 2004). No período seguinte à Revolução Industrial, o fenômeno do lazer continuou a sofrer mudanças, sobretudo pelo acirramento de um processo cada vez maior de sua mercantilização. Mascarenhas (2005), caracteriza essa configuração como sendo o “mercolazer”, efeito de uma correlação de esforços entre a iniciativa pública e a privada. Atualmente, com as transformações do capital, igualmente se transforma o mercado do lazer, que é mais sutil, apresentando-se sob novos arranjos, como um invólucro de consumo baseado muito mais na sustentação da base do capital do que do desenvolvimento do ser humano a partir da vivência das práticas do lazer.

Se, por um lado, a mudança de paradigma produtivo interferiu no mundo do lazer, por outro contribuiu para que a classe trabalhadora se organizasse reivindicando tal direito. No caso do Brasil e de outros países, a conquista da jornada de oito horas, o descanso semanal remunerado, as férias remuneradas com adicional de um terço, dentre outras garantias, foram resultado de um processo que teve nos trabalhadores seus maiores protagonistas. Ainda assim, as mudanças advindas das rápidas transformações presentes nas cidades interferem diretamente na vida das pessoas. As cidades expandiram-se territorialmente e demograficamente, porém em condições que penalizam grande parte dos trabalhadores. Processos como êxodo rural e periferização acirram problemas como a mobilidade urbana, somado ao fato de que as cidades brasileiras, em geral, não concebem o lazer como sendo um componente social relevante.

Sobre as dinâmicas urbanas que interferem no lazer, Marcellino (1996) afirma que os desafios presentes nesses espaços têm a ver com a forma não estruturada com que se desenvolvem as cidades, somado ao aumento desenfreado da população. Para o autor, esse cenário é acirrado na medida em que, de um lado desenvolvem-se os grandes centros e, de outro, a periferia. Esta última concentrando grande número

de habitações que, em muitos casos, são implementados de modo excludente.

O cenário descrito anteriormente, de certa forma, é uma síntese dos desafios presentes no Brasil, principalmente nas últimas décadas. Recentemente, o caso mais evidente desses impactos foram os megaeventos esportivos realizados no Brasil em 2014 e 2016, Copa do Mundo de futebol e Olimpíadas, respectivamente. Um desses impactos diz respeito às remoções compulsórias ocorridas na cidade do Rio de Janeiro. Faulhaber e Azevedo (2015), ao estudarem as remoções no Rio de Janeiro destacam que setores do Estado e da iniciativa privada se articularam para requalificar áreas tidas como inabitáveis e auferir vantagem ulterior a partir da especulação imobiliária.

A compreensão dessas dinâmicas espaciais exige, antes, compreensão de como se processa a produção do espaço. Lefebvre (2000) nos fornece um interessante parâmetro para compreensão desse fenômeno. A “tríade dialética” defendida pelo autor, sustenta-se na medida em que espaço ou a produção desse não tem um fim em si mesmo. Assim, a produção do espaço há que ser entendida como um emaranhado de relações que produz e é reproduzida contínua e constantemente. Lefebvre (2000) sustenta que a produção do espaço só é possível pela dialética de três dimensões: produção material, produção de conhecimento e a produção de significados.

Lefebvre (2000), destaca dois núcleos essenciais de sua tese cada um com três dimensões. O primeiro, a prática espacial, caracterizada como sendo uma rede de atividades, um ambiente construído. A segunda dimensão é a representação do espaço, referência comunicativa, que possibilita orientação espacial e, pode determinar uma atividade social. Por fim, o espaço de representação, uma espécie de ordenamento material que pode veicular significados, normas, valores. A correlação dessa nucleação conceitual corresponde ao que Lefebvre (2000) estruturou como sendo o espaço percebido, o espaço concebido e o espaço vivido. No primeiro caso, é aquilo que pode ser captado pelos sentidos. No espaço concebido, prevalece uma representação mental do espaço, ao passo que por espaço vivido entende-se como sendo a experiência humana nas suas práticas cotidianas.

Por fim, conforme debateu Faulhaber e Azevedo (2015) ao estudarem as mudanças espaciais no Rio de Janeiro por ocasião dos megaeventos, até Mendes

(2018), que estudou as transformações no lazer, consequências da UHBM, o que se percebe é que, conforme afirmou Lefebvre (2000), a produção do espaço não pode ser entendida a parti de si mesmo, é preciso considerar outras imbricações, compreendendo que a produção do espaço é *continuum*, sempre inacabado, transformando-se conjuntamente aos sujeitos.

3. A DINÂMICA DOS ESPAÇOS DE LAZER EM ALTAMIRA

As recentes transformações por que passa a cidade podem ser consideradas como sendo aquelas derivadas da inserção da UHBM, sobretudo em relação a forma com que as pessoas passaram a se relacionar com o rio. Nesse contexto, mais de 25% da população do perímetro urbano, antes residente às margens dos igarapés afluentes do Xingu, foram realocadas para os Reassentamentos Urbanos Coletivos - RUC⁴, emergindo dessa realidade novos usos e novas interações com o rio Xingu.

Miranda Neto (2016) afirma que a inserção de tal projeto está alinhada a interesses supranacionais e subordinado aos regramentos do grande capital. Para o autor, os reflexos da obra impuseram novos arranjos à dinâmica da cidade, contribuindo para o surgimento de “nexos de reestruturação” (MIRANDA NETO, 2016), ou seja, diferentes elementos que, quando analisados em conjunto, permitem inferir um processo de reestruturação da cidade, aproximando a realidade de Altamira-PA ao processo de urbanização capitalista em seu estágio mais avançado.

A reestruturação de Altamira é um fenômeno bem evidente após a instalação de Belo Monte, uma vez que pelo menos 12 dos 19 bairros sofreram interferências físicas e demográficas. No contexto mencionado, houve a remoção de pessoas e o controle do acesso de áreas situadas próximo ao leito dos rios, seguido da construção de parques e áreas verdes. Inclui-se, ainda, nesse processo a orla da cidade de Altamira-PA, local historicamente referência para banhos, encontros, fora modificada pela intervenção da Norte Energia S.A (NESA)⁵, local em que foi instalada uma praia artificial. Essa nova configuração inaugurou novos usos e interações dos altamirenses com o Rio Xingu e suas fluvialidades.

⁴ Em Altamira são seis os RUCs: Jatobá, São Joaquim, Casa Nova, Água Azul, Laranjeiras e Pedral. Juntos os RUCs abrigam mais de 4.100 famílias (NESA, 2015).

⁵ Norte energia S.A é a empresa responsável pela construção e pela operação da usina de Belo Monte.

Ao se referir, aqui, ao termo “fluvialidades”, propõe-se uma leitura baseada em Oseki (2000, p. 175), para o qual “existem ainda atividades ‘ribeirinhas’ resquícios de espaços e tempos fluviais, onde o rio permanece atuando e em que ele pode ser em certa medida apropriado”. Essas atividades não se convencionam ao uso do rio somente por ações institucionalizadas e socialmente regulamentadas, mas pelo conjunto de práticas cotidianas que são fundamentais à vida de determinados sujeitos em aspectos que envolvem a moradia, o trabalho e do lazer. Referindo-se ao caso de Altamira, percebemos, de maneira geral, que não apenas a orla da cidade, mas outros espaços de lazer antes diretamente vinculados ao rio perdem sua centralidade, contribuindo para o surgimento de novos roteiros de lazer que não incluem o rio como materialidade.

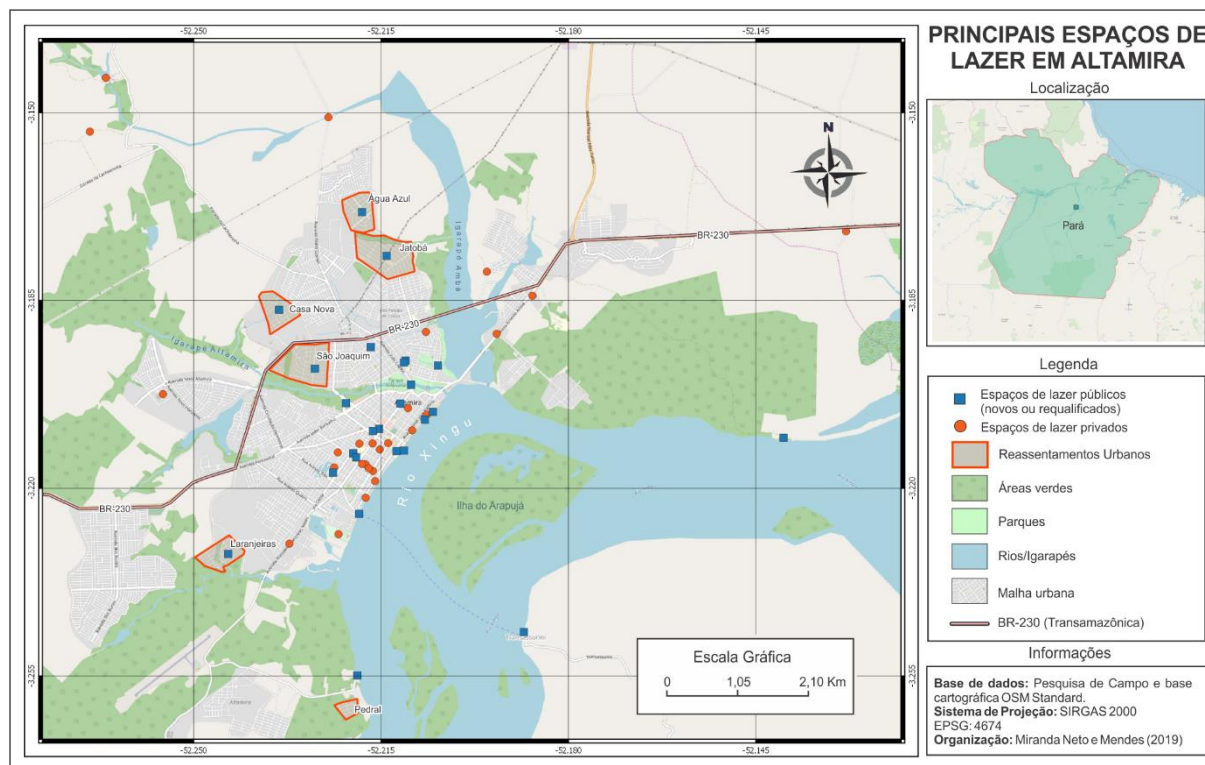
Outra mudança ocorrida recentemente no lazer de Altamira se relaciona à extinção dos campos de várzea. Um estudo realizado por Mendes e Rocha (2011) concluiu que a forte especulação imobiliária retirou seu protagonismo, forçando seus antigos frequentadores a procurarem as arenas de futebol “*society*” ou os campos privados. Em Altamira, existiam dezenas destes campos de várzea, destacando-se os existentes nos bairros Jardim Uirapuru, Colinas, Boa Esperança e o de maior destaque: o “Poeirão”, localizado no bairro Jardim Independente III. Atualmente no local do “poeirão” existe um condomínio residencial fechado (Residencial Tropical) e as relações que historicamente existiam no espaço foram desfeitas, exigindo dos sujeitos novas estratégias para vivenciarem o lazer.

Além dessas atividades, próximo à área central da cidade destaca a presença de estabelecimentos de entretenimento como bares, restaurantes e casas de festas, evidenciando o que se pode considerar como os “novos espaços do lazer”, deslocando-se do eixo rio-orla-centro. Em comum, esses espaços têm o fato de serem privados, o que de certa forma estabelece uma seleção social daquelas pessoas que podem frequentar tais locais.

O estudo de Magnani (2002) evidencia estratégias criadas pelos sujeitos ante a uma realidade onde as pessoas, diante da negação de um direito, imprimem novas formas ao seu cotidiano. Pelo que se pode notar nas ações dos sujeitos da cidade, os usos empregados aos espaços não formais e não hegemônicos acabam por delinear

novas formas com que as pessoas interagem com a cidade e, por consequência, com os espaços e equipamentos de lazer.

No Mapa 1 é possível identificar alguns dos principais espaços de lazer públicos e privados constituídos ou modificados após a construção de Belo Monte.



Mapa 1 – Principais espaços de lazer em Altamira
Fonte: Pesquisa de Campo com base em Mendes (2018)

Como se observa no Mapa 1, as opções de lazer públicos presentes na cidade e assim como nos espaços privados se concentram no centro da cidade e nos bairros do Premem, porém com extensão para áreas mais afastadas do rio (sobretudo os espaços privados do circuito de bares e restaurantes).

O aumento demográfico em Altamira influenciou diretamente na demanda por espaços de lazer, tanto públicos quanto privados. Diante da situação foi possível notar um aumento de casas de festas, bares dos mais distintos estilos, restaurantes, churrascarias, pizzarias, entre outros espaços que poderiam vir a se constituir como indutores do lazer. No contexto citado, foi possível notar o aumento no volume de venda de terrenos nas áreas próximas a cidade para servirem como sítios, chácaras, sendo um dos principais espaços concentrador de sítios o "Ramal dos Cocos",

localidade situada a mais ou menos 15 quilômetros do centro da cidade, sentido Altamira-Marabá-(BR 230).

No caso de Belo Monte, as previsões contidas nos documentos oficiais, como o PBA (2011), são tímidas, genéricas e restritas aos projetos de “requalificação urbana” que se resumem a simples produção de espaços como quadras e parques. O componente do lazer seria efeito de ação de “requalificação” dos espaços elegidos pela NESAs, somado ao fato de que a materialidade do lazer estaria vinculada aos aspectos do turismo. Por essa descrição, pode-se notar uma ideia que compreende a existência do lazer como condicionada a um embelezamento das áreas centrais da cidade. Atualmente, observa-se essa realidade a partir dos parques e áreas verdes, localizados às imediações do Igarapé Altamira e da orla da cidade.

O parque em questão está situado em um dos espaços contidos na ADA Urbana, próximo ao centro da cidade e às margens do Igarapé Altamira (ver Mapa 1). Uma das características desse espaço é a sua estrutura com raros equipamentos de lazer. Além disso, possui um projeto arquitetônico alinhado à realidade do eixo sul-sudeste do país, com proeminência de jardins e gramíneas, cenário que desconsidera o clima quente e úmido da cidade e inviabiliza uso efetivo do espaço durante todo o dia, conforme se pode visualizar na Figura 1.



Figura 1: Parque na orla do igarapé Altamira
Fonte: Silva (2016)

Essa ação de requalificação imposta pelo empreendedor é criticada por Vasconcelos e Melo (2003 p.60-62) que relacionam a prática presente ao modelo francês de limpeza social, onde o velho deveria ser substituído pelo "novo", pelo padronizado, pelo belo. Logo, tudo o que não cabia na nova lógica de ambiente urbano deveria ser demolido, requalificado, reformado ou realocado para as áreas afastadas do centro da cidade (VASCONCELOS; MELO, 2003 p.60-62).

Como parte desse processo que busca restringir formas de se viver o espaço urbano, somam-se estratégias coordenadas por certos setores, sobretudo do Estado, visando a disciplinar os espaços. Gonçalves Júnior, Carmo e Lemos (2018) elencam uma série de ações que, embora seja bem-intencionadas, na verdade estão travestidas de um objetivo maior que é o de retirar as crianças das ruas sob a justificativa de que em tal espaço não é mais possível desenvolver práticas de lazer nos dias atuais. Para os autores, ações como estas camuflam intenções que visam ao controle da sociedade.

Em linhas gerais, o que se observa são formas distintas de apropriação dos espaços de lazer pelos sujeitos. De um lado, nota-se a expansão da oferta de um lazer privado, ou o que Mascarenhas (2005) denominou "mercolazer". Essa dimensão mercadológica tem imposto uma espécie de subdivisão entre os sujeitos e os espaços, onde o valor cobrado acaba se constituindo numa barreira de acesso.

Conforme alertado, a descrição acima não esgota as possibilidades de lazer disponíveis em Altamira, tanto públicas quanto privadas. O que é notório diante da nova realidade, são as mudanças advindas com a construção da UHBM que acabaram por exigir dos sujeitos novas formas de vivenciar a cidade com vistas ao lazer.

Do mesmo modo, é possível notar uma mudança na forma com que as pessoas passaram a se relacionar com a cidade. A primeira diz respeito ao rio, pois antes da UHBM a relação da população era mais espontânea, sobretudo com as praias localizadas no entorno da ilha do Arapujá. Com o advento de Belo Monte, à medida que esses locais se tornaram submersos, uma nova categoria de usuários, assim como uma nova forma de interação com o rio, passou a existir, ou seja, frequentemente ocorrem passeios em balsas estilizadas em torno da ilha já mencionada e em frente a cidade. O passeio em geral inicia-se às 09 horas e termina

por volta das 18 horas, o valor cobrado em média vai de R\$ 1.500,00 até R\$ 2.000,00 e o “catamarã” comporta até 50 pessoas.

Convém mencionar que o público que frequenta esse tipo de passeio possui uma condição financeira diferenciada quando comparado a média dos moradores da cidade. Em linhas gerais, a outra parcela da população, resta a orla da cidade e a praia artificial, locais gratuitos procurados quer seja para banho, corrida na areia, contemplação da paisagem ou atividade física.

Outro aspecto a ser destacado, tem a ver com a descentralização ocorrida a partir de BM quanto ao roteiro dos espaços de lazer. Antes da obra, a orla da cidade exercia um papel de centralidade na oferta de serviços ligados a bares e restaurantes, ocorrendo grande fluxo de pessoas das mais variadas faixas etárias e grupos sociais para este espaço. Com a implementação da obra, outros espaços da cidade começam a disputar a preferência dos moradores. Destacam-se destes: bares e restaurantes localizados no bairro premem, tendo em comum o fato de os clientes pertencerem a um mesmo “circuito” conforme já escreveu Magnani (2002).

Em que pese essa lógica do circuito dos bares e restaurantes é possível notar que essa realidade expõe uma outra mudança socioespacial, ou seja, uma “Altamira nova” opondo-se a uma “Altamira velha”, onde o novo emerge com a oferta de outros serviços, privilegiando outra espacialidade, mais ao centro da cidade, distanciando-se do “velho” às margens do rio.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como demonstrado , há na cidade de Altamira uma lógica alinhada ao contexto do Brasil, em que algumas barreiras físicas e simbólicas inviabilizam práticas do lazer. Esse quadro acentua-se na medida em que políticas públicas não são fomentadas por quem de fato deveria fazê-las, cenário que impõe uma série de restrições aos sujeitos para se relacionarem com a cidade e seus espaços visando às práticas do lazer. Mesmo reconhecendo essa realidade brevemente descrita, procurou-se compreender o espaço conforme alertou Lefebvre (2001) como sendo efeito de uma construção eminentemente humana, em que os sujeitos dão forma a este à medida que empregam suas aspirações, estabelecendo práticas significativas.

Dessa forma, mesmo identificando essas barreiras que impedem o usufruto do lazer, conseguiu-se visualizar variadas práticas em diversas partes da cidade, indicando novas apropriações, sinalizando para o que neste trabalho seriam as novas espacialidades do lazer em Altamira-PA. No caso em questão, altera-se as fluvialidades (OSEKI, 2000) relacionadas as formas de apropriação do espaço a partir da materialidade do rio Xingu e dos Igarapés que adentram o perímetro urbano. Antes da ação do grande empreendimento essas relações eram mais orgânicas, não institucionalizadas e pouco mercantilizadas, caracterizadas pela inserção do rio no cotidiano das pessoas. Atualmente é possível notar um afastamento físico e simbólico do rio, sobretudo relacionado ao maior controle de acesso proporcionado pelas instituições, sobretudo pela própria Norte Energia.

O espaço urbano constitui-se num local privilegiado para a ocorrência do lazer, dada a presença de equipamentos e espaços disponíveis. Registra-se, no entanto, que nem sempre esse cenário se apresenta de maneira satisfatória, o que acaba por evidenciar fragilidades e contradições presentes no espaço estudado.

Considerando as manifestações do lazer, historicamente as cidades brasileiras apresentam barreiras que confirmam as contradições encontradas nos espaços como elementos indutores do lazer. Essas contradições estão ligadas a forma com que as cidades são ordenadas, planejadas e geridas. De maneira geral, destaca-se uma preocupação com dimensões ligadas à infraestrutura visando a um embelezamento das cidades, tendência histórica de homogeneização do espaço, o que acaba impondo às dimensões do lazer um caráter acessório.

5. REFERÊNCIAS

FAULHABER, Lucas, AZEVEDO, Lena. **Remoções no Rio de Janeiro olímpico**. Rio de Janeiro: Mórula, 2015. Lefebvre (2000)

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

MAGNANI, J. Guilherme. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, n. 49. p. 1-34. São Paulo, junho de 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer: uma introdução**. Campinas, SP: Autores Associados (Coleção Educação Física e Esportes), 1996.

MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer**. 2005. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Mendes (2018)

MENDES, Francivaldo José da Conceição. **Lazer em Altamira-PA: um estudo a partir do RUC Laranjeiras**. 2018. 123 f. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguagens e saberes na Amazônia. Universidade Federal do Pará. Bragança-PA.

MENDES, Francivaldo José da Conceição; MOREIRA, Larici Keli Rocha. **Espaços e equipamentos de lazer na cidade de Altamira/PA**. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado do Pará, Altamira, 2011.

MIRANDA NETO, José Queiroz de. **Os nexos de re-estruturação da cidade e da rede urbana: o papel da Usina Belo Monte nas transformações espaciais de Altamira-PA e em sua região de influência**. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista- Presidente Prudente – São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Elisângela Magela. **Transformações no mundo do trabalho, da revolução industrial aos nossos dias**. Caminhos de Geografia v.6, n.11, p. 84-96, Fev/2004.

OSEKI, J. H. **A Fluvialidade no Rio Pinheiros: Um Projeto de Estudo**. Revista do Programa de Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP, São Paulo, 2000.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Trad. Rosaura Eicheberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VASCONCELLOS, Léia Mendes de; MELLO, Maria Cristina Fernandes de. **Terminologias em busca de uma identidade**. Revista Rua, Salvador, ano 4 v.1, n.8, p. 60-66, jul./dez.2003. 122.